CERRADOS 45

Revista de Programa de Pós-Graduação em Literatura ANO 26 - 2017

Edição Especial em Homenagem a Antonio Candido, Roberto Schwarz e Francisco Alvim

UnB

APRESENTAÇÃO

Este número da Revista Cerrados, do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Práticas Sociais da Universidade de Brasília – UnB é dedicado à discussão da obra de Antonio Candido e de Roberto Schwarz, além de propor uma homenagem ao poeta Francisco Alvim. Como o leitor verá, a variedade de temas e de abordagens confirma a incontestável importância de Candido e Schwarz para os estudos literários brasileiros no sentido da sugestão de temas, problemas, questões de método e de crítica do processo social nacional. Em sintonia com a obra dos dois professores, a poesia de Francisco Alvim assume em seus meandros formais os dilemas da nação, tendo como nervo principal o olhar agudo sobre a constante crise que é o desenrolar do progresso à brasileira e o depoimento da tradição literária em relação a ele, como se poderá observar no conjunto de poemas recolhidos ao final do volume.

Alexandre Pilati e Diuvanio de Albuquerque Borges procuram enunciar, no conjunto da obra de Antonio Candido, linhas de continuidade e o intrincado e às vezes sutil jogo entre estética, política e erudição. Daí a necessidade de, por exemplo, registrar o movimento argumentativo em Formação da Literatura Brasileira, um livro de história da literatura prenhe de dinâmica reflexiva em suas exposições que incluem estilos, autores específicos, momentos históricos, temas como indianismo e nacionalismo etc. O interesse de Antonio Candido por Machado de Assis também é valorizado, recapitulando ensaios e procedimentos de análise dedicados ao ficcionista.

André Nepomuceno recupera boa parte dos argumentos de Roberto Schwarz sobre Machado de Assis para desvelar o quanto as reflexões ali contidas foram retomadas em debate de psicanalistas interessados em pensar centro e periferia e o perfil de um certo jeito de ser nacional. Machado de Assis teria levado a efeito, a seu modo, uma espécie de psicanálise da elite brasileira liberal e escravista que, sob a lente dialética e materialista de Roberto Schwarz, lança um desafio a que pensadores da psicanálise tentam responder.

Anita Martins Rodrigues de Moraes é autora do artigo provavelmente mais polêmico desta coletânea. Ela denuncia o que seriam as premissas evolucionistas de Formação da Literatura Brasileira e, valendo-se de Pierre Clastres, acusa, no desfecho do texto, o humanismo professado por Candido de ser etnocida, num procedimento analítico e retórico que atinge as raias do disparate, a nosso ver. De resto, enviamos o leitor ao ensaio em causa para que estabeleça seu próprio juízo. Por mais que discordemos da autora, para além da disposição democrática de acolher o contraditório, considerou-se que o artigo trata de levar ao paroxismo argumentos e ataques que já fazem parte da cena universitária brasileira e lusitana, o que não deixa de ser um testemunho do ponto a que chegamos.

Antônio Sanseverino elabora uma análise sobre contos de Machado de Assis em que figuras de mulher estão no centro do enredo. Ao avaliar os traços de alegoria que marcam o realismo machadiano, o ensaio trata de melhor definir como a prosa caracteriza as personagens femininas e reelabora detalhe cotidiano e lance abstrato, o que leva o autor a discutir questões de gênero e de mimese literária. A análise literária procura captar também a dialética entre forma literária e processo social, entre procedimento ficcional e alegórico e suas relações com o poder masculino patriarcal na sociedade brasileira dos oitocentos.

Edvaldo Bergamo, Leila Borges Dias Santos e Letícia Braz da Silva discutem a ordem patriarcal e o regionalismo ao empreenderem a análise de um conto de Urupês, de Monteiro Lobato. A reflexão de Antonio Candido está no centro do debate aqui estabelecido, que permite avaliar patriarcalismo, modernização e rivalidade entre caipiras que são representados na literatura em sua dinâmica de

pobreza paradoxal e violenta. Vale notar que a própria noção de regionalismo emerge aqui enquanto problema que refrata impasses da sociedade brasileira, os quais expõem a perspectiva complexa e contraditória com que os intelectuais e ficcionistas reelaboraram a vida agrária e patriarcal.

Eleonora Ziller Camenietzki comenta a poética de Francisco Alvim, levando em conta seus dois mais recentes conjuntos de poemas, reunidos nos volumes Poemas avulsos e Vinte e cinco poemas. O artigo destaca o modo como o poeta coleta, na fala comum brasileira, sedimentos da matéria social, mantendo diálogo com "uma espécie de 'linhagem' de poetas que se debruçaram sobre a fala, os fatos cotidianos, as coisas pequenas, a gente de todo tipo". Na leitura dos poemas, Ziller assinala como o rigor na construção formal e a perspicácia na escuta retomam experiências modernistas de tal maneira que o tratamento poético da fala popular encena tanto seu potencial de transgressão quanto as mais diversas modalidades de perversidade social decantadas na expressão corrente.

Éverton Barbosa Correia discute o célebre ensaio "Dialética da malandragem", de Antonio Candido, com ênfase na definição de malandro, que seria considerado uma figura típica brasileira. O artigo retoma também o comentário de Roberto Schwarz sobre a análise empreendida por Antonio Candido para avaliar a tensão entre literatura e sociedade, isto é, até que ponto critérios especificamente estéticos unem-se a conceitos da sociologia e história para desvelar Memórias de um sargento de milícias, um clássico brasileiro. O artigo aqui presente procura discernir também o quanto a análise de Roberto Schwarz, ao operar sobre o texto de Candido, expande e enfatiza argumentos, o que resulta em uma leitura atualizada mas também polêmica do texto original.

Fernando C. Gil, dialogando com pesquisas recentes no campo da história e da sociologia, procura matizar o modelo explicativo de Roberto Schwarz sobre a "sorte dos pobres" em Um mestre na periferia do capitalismo, demonstrando como varia a representação dos homens livres pobres em romances rurais do século XIX. Se é inegável a força das relações de favor e dependência assinalada pelo crítico de Machado de Assis, notam-se também, em narrativas de José de Alencar, Visconde de Taunay e Franklin Távora, entre outros, formas diversas de relação e representação daquele grupo social - por vezes mesmo, ainda que precariamente, à margem do favor.

Gustavo Arnt situa a contribuição da prática crítica de Antonio Candido em relação a um tópico crucial no debate da Teoria da Literatura no século XX: a polêmica em torno da autonomia da forma estética, as divergências entre formalismo e materialismo dialético. O artigo oferece ao leitor um panorama de ensaios fundamentais de Candido ("Crítica e sociologia", "Dialética da malandragem", "De cortiço a cortiço", "Quatro esperas"), nos quais se consolidam posições e operações analíticas como a superação de dicotomias por meio de mediações e o foco na redução estrutural de dados externos na forma literária.

Homero Vizeu Araújo e Mariana Figueiró Klafke partem do diagnóstico de Roberto Schwarz sobre a derrota da esquerda em "Cultura e política, 1964-1969" para ajustar um foco que recai sobre romances, filmes e peças do ano de 1967, especificamente aqueles que figuram atitudes de resistência política: Quarup, Pessach, O prisioneiro, Terra em Transe, Arena conta Tiradentes, O rei da vela. Chamam atenção para o fato de que a predominância de certa disposição sacrificial de personagens, de forma séria ou irônica, deixa em xeque a própria viabilidade dos modos de resistência aventados.

Ian Alexander e Karina de Castilhos Lucena posicionam-se em relação a um debate que envolve diretamente os autores homenageados neste volume: a polêmica sobre o rendimento da perspectiva nacional. Mas em nenhum dos dois casos se trata daquele tipo de refutação tout court do recorte de nação, cada vez mais recorrente desde os anos 1980. Ian Alexander compara a formação da literatura brasileira tal como descrita por Antonio Candido a processos formativos de outras literaturas oci-

dentais, argumentando que a peculiaridade brasileira determina as noções de formação e de sistema literário. Segundo o autor, para escapar às limitações de aplicabilidade dessas noções seminais a outros contextos, seria preciso relativizar quatro especificidades do Brasil implicadas na obra de Candido: "a unidade do Novo Mundo lusófono num único país, a pobreza da tradição literária da sua ex-metrópole, o fato de ter chegado à época audiovisual sem ter passado pela época da leitura massiva, e a centralização gerada pela rivalidade entre São Paulo e Rio". Já Karina Lucena concentra-se no âmbito latino-americano, discutindo a dimensão nacional como limite do sistema literário a partir, primeiro, de proposições contidas em correspondência trocada entre Antonio Candido e Ángel Rama ao longo de duas décadas, as quais são relacionadas a artigos de Juan Carlos Onetti. Em boa medida, o artigo sobre Candido, Rama e Onetti demonstra a viabilidade daquilo que o de Ian Alexander propõe: o conceito de sistema literário pode passar por adaptações para servir à abordagem de outras séries literárias que não a brasileira.

Juliane Vargas Welter discute o alcance de proposições de Antonio Candido e Roberto Schwarz sobre contradições estéticas e políticas da experiência nacional em face da narrativa brasileira do início do século XXI. A autora articula com propriedade esse legado crítico a categorias enfatizadas no debate teórico contemporâneo, perguntando-se como a crítica materialista e dialética pode dar conta da amplitude dos projetos modernizadores (e sua falência) e da multiplicidade de lutas relacionadas a questões de raça e gênero. Desse ângulo, reconhece caráter significativo nas limitações formais do romance Paraíso (Tatiana Salem Levy), que dizem da própria dificuldade da literatura contemporânea para "narrar a formação do Brasil e as violências que o atravessam sem olhar para si como fruto e perpetuadora dessas relações de dominação".

Lia Araújo Miranda de Lima e Germana Henriques Pereira de Sousa valem-se da tradição dos estudos formativos para propor a aproximação crítica de obras canônicas traduzidas (não adaptadas) em edições ilustradas para crianças, a partir de um esboço de análise do livro A cruzada das crianças (Kinderkreuzzug, 1939), de 2014, poema de Bertolt Brecht ilustrado por Carme Solé Vendrell, e da sua tradução para o português brasileiro por Tercio Redondo. Discutindo a partir das noções sistêmicas de Candido e de Even-Zoar, o artigo busca lançar luz sobre o fenômeno do trânsito de obras do sistema literário adulto para o infantil.

Ludmylla Mendes Lima dialoga com os estudos de Roberto Schwarz e Sidney Challoub, entre outros, para abordar analiticamente a série de crônicas A+B, publicada na Gazeta de Notícias em 1886. Os elementos decisivos para esta análise envolvem características muito específicas observadas pela leitura das crônicas e que as diferenciam dentro do amplo universo da cronística machadiana. Alguns desses elementos são: a escolha do diálogo como forma para a constituição das crônicas e a presença de João das Regras, lido como uma espécie de metteur-en-scène na pele de um narrador.

Salete de Almeida Cara discute a atualidade do pensamento crítico de Antonio Candido, que vincula a constituição e impasses das formas literárias às suas condições objetivas. A autora dedica-se em seu artigo, de modo especial, à leitura de "O tempo do contra" (1979) e "A nova narrativa" (1979), pela referência a "Radicalismos" (1988) e "Realidade e realismo via Marcel Proust" (1983). O resultado é um balanço muito refinado da lucidez verificada no pensamento estético e político de Candido.

Tiago Ferreira da Silva analisa em seu artigo o conto "A igreja do diabo", de Machado de Assis, à luz do pensamento desenvolvido por Roberto Schwarz em "As ideias fora do lugar". O texto discute como Machado reflete não somente sobre aspectos religiosos ou sobre o desejo do ser humano de estar desvinculado de normas religiosas, mas também como representa, literariamente, a estrutura social brasileira da época, travestida "em capas de veludo com franjas de algodão", ou seja, reves-

tida da ideologia liberal europeia, mas alicerçada no atraso do regime escravo e no regime do favor. Wanderson Barbosa dos Santos procura realçar, em seu ensaio, as proximidades entre as obras de Antonio Candido e Roberto Schwarz em relação ao tema da formação e do papel da crítica literária. O trabalho destaca a interlocução relacionada ao livro Formação da Literatura Brasileira e os apontamentos críticos posteriores de Schwarz. São discutidos também os potenciais críticos de uma concepção de análise literária pertencente à tradição Candido-Schwarz.

O volume é finalizado com um conjunto de poemas de autoria de Francisco Alvim, selecionados por Alexandre Pilati e gentilmente cedidos pelo poeta para a Cerrados.

Como se pode verificar, o conjunto revela matizes inusitados, ora mais próximos, ora mais distanciados, ora em franca convergência com os homenageados, ora em salutar divergência. Sobretudo, trata-se de uma série de textos que instiga o estudioso da literatura a novos desdobramentos e derivações.

Por fim, cumpre ressaltar que o pensamento de Antonio Candido e de Roberto Schwarz foi essencial para a criação e o desenvolvimento das investigações sobre a literatura e a teoria literária empreendidas no âmbito de Grupos de Pesquisa como o Literatura e Modernidade Periférica e Formação do Brasil Moderno, integrados pelos organizadores do presente volume. Tais Grupos de Pesquisa, de considerável bagagem acadêmica e crítica, aglutinam pesquisadores de diversas instituições em torno daquilo que se poderia nomear como "legado formativo" na tradição dos estudos de crítica, historiografia e teoria literária no Brasil. Assim, os organizadores esperam que este número da revista Cerrados seja mais uma contribuição para o necessário debate a respeito das relações entre a literatura e as formas sociais brasileiras, e também uma singela homenagem aos autores.

Prof. Alexandre Pilati (UnB)
Prof. Danielle dos Santos Corpas (UFRJ)
Prof. Homero Vizeu Araújo (UFRGS)
Organizadores deste número